

Feita de
FUMAÇA & OSSO

LAINI TAYLOR

Feita de
FUMAÇA E OSSO

Tradução de Viviane Diniz



Copyright © 2011 by Laini Taylor
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company,
Nova York, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Daughter of Smoke and Bone

PREPARAÇÃO
Larissa Helena

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Shirley Lima

DIAGRAMAÇÃO
Abreu's System

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
T24f

Taylor, Laini
Feita de fumaça e osso / Laini Taylor; tradução de Viviane
Diniz – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
384p.: 23cm (Feita de fumaça e osso; 1)

Tradução de: *Daughter of smoke and bone*
ISBN 978-85-8057-248-3

1. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

12-5454.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Jane,
por um mundo de possibilidades inteiramente novo*

*Era uma vez
um anjo e um demônio que se apaixonaram.*



A história não acabou nada bem.

1

IMPOSSÍVEL DE ASSUSTAR

Caminhando para a escola pela calçada de pedras coberta de neve, Karou não teve nenhuma premonição sinistra para aquele dia. Parecia outra segunda-feira qualquer, sem nenhuma peculiaridade, a não ser por sua própria natureza de segunda-feira, e por ser o mês de janeiro. Estava frio e escuro — no final do inverno o sol não se levantava antes das oito —, mas também muito bonito. A neve que caía e o fato de ainda ser bem cedo davam a Praga um ar fantasmagórico, como um ferrótipo, toda nublada e prateada.

Na estrada à margem do rio, o barulho dos bondes e dos ônibus passando situava o dia no século XXI, mas nas travessas mais silenciosas a tranquilidade do inverno poderia ter vindo de outra época. Neve, pedra e uma luz espectral, o ruído dos passos de Karou e o vapor que subia da caneca de café, ela sozinha, à deriva, perdida em pensamentos triviais: escola, tarefas... Vez ou outra, mordida amargurada a parte de dentro da bochecha, e uma pontada de tristeza a invadia de repente, como as pontadas de tristeza costumam fazer, mas Karou as deixava de lado, determinada, disposta a acabar com tudo aquilo.

Segurava a caneca de café em uma das mãos e mantinha o casaco fechado com a outra. Levava o portfólio de arte pendurado no ombro, e nos cabelos — soltos, longos e azul-pavão — uma trama de flocos de neve se formava.

Um dia como todos os outros.

E então.

Um rosnado, passos rápidos, e ela foi agarrada por trás, puxada com força contra o peito largo de um homem enquanto mãos afastavam seu cachecol, e ela sentiu dentes — *dentes* — em seu pescoço.

Mordiscando.

O agressor a estava *mordiscando*.

Irritada, tentou se libertar sem derramar o café, mas mesmo assim um pouco dele caiu do copo, na neve suja.

— Droga, Kaz, me larga — repreendeu, enquanto se virava para o ex-namorado.

A luz do poste iluminava suavemente o rosto bonito dele. *Beleza idiota*, pensou ela, empurrando-o para longe. *Rosto idiota*.

— Como você sabia que era eu? — perguntou ele.

— É sempre você. E nunca dá certo.

Kazimir ganhava a vida pulando de trás das coisas, e ficava frustrado por nunca conseguir provocar nem a menor reação em Karou.

— É impossível assustar você — reclamou ele, fazendo o beicinho que considerava irresistível.

Até pouco tempo atrás, ela não teria resistido. Teria ficado na ponta dos pés e passado a língua pelo lábio inferior do biquinho. Então, ela o lamberia languidamente e o tomara entre os dentes, provocando Kazimir antes de se perder em um beijo que a faria se derreter encostada a ele como mel no calor do sol.

Aqueles dias tinham definitivamente ficado para trás.

— Talvez você simplesmente não seja assustador — disse ela, e seguiu seu caminho.

Kaz a alcançou e andou ao seu lado, com as mãos no bolso.

— Mas eu *sou* assustador. O rosnado? A mordida? Qualquer pessoa normal teria um ataque do coração. Menos você, que parece ter água gelada em vez de sangue correndo nas veias.

E ao ver que ela o ignorava, acrescentou:

— Josef e eu estamos começando um novo tour. O tour *vampiresco* do Centro Histórico. Os turistas vão amar.

Vão mesmo, pensou Karou. Pagavam uma boa grana pelos “tours fantasmagóricos” de Kaz, que consistiam em conduzir os turistas em grupos pelas intrincadas travessas de Praga na escuridão, parando em lugares de supostos assassinatos para que “fantasmas” pudessem saltar das entradas das construções e fazê-los gritar. Ela já havia feito papel de fantasma em várias ocasiões, segurando no alto uma cabeça ensanguentada e gemendo enquanto os gritos dos turistas davam lugar às risadas. Tinha sido divertido.

Kaz tinha sido divertido. Não era mais.

— Boa sorte — disse ela, olhando para a frente, sem emoção na voz.

— Podíamos incluir você — disse Kaz.

— Não.

— Você poderia interpretar uma vampira sexy e perversa...

— Não.

— Atrair os homens...

— Não.

— Você podia usar sua capa...

Karou fechou a cara.

Carinhosamente, Kaz tentou persuadi-la:

— Você ainda tem a capa, não tem, amorzinho? A coisa mais bonita que eu já vi, você com aquela seda preta, na sua pele branca...

— Cala a boca — sibilou ela, parando no meio da praça Maltesa.

Meu Deus, pensou. Como havia sido estúpida em se apaixonar por aquele reles atorzinho de rua bonito, vestir coisas para ele e lhe deixar lembranças como aquela? Incrivelmente estúpida.

Solitariamente estúpida.

Kaz levantou a mão para tirar um floco de neve dos cílios dela.

— Se encostar em mim, esse café vai parar na sua cara.

Ele abaixou a mão.

— Opa, calminha, Karou nervosinha. Quando você vai parar de brigar comigo? Eu já disse que sinto muito.

— Pode sentir, então. Mas vá fazer isso em outro lugar.

Eles falavam em tcheco, e o sotaque que Karou adquirira estava à altura da pronúncia nativa de Kaz.

Ele suspirou, irritado por ela continuar resistindo a seus pedidos de desculpa. Isso não estava no roteiro.

— Vamos lá — tentou persuadi-la, a voz agressiva e suave ao mesmo tempo, como a mistura áspera e aveludada da voz de um cantor de blues. — Fomos feitos um para o outro, você e eu.

Feitos um para o outro. Karou esperava sinceramente que, se tivesse sido “feita” para alguém, não fosse para Kaz. Ela olhou para ele, o lindo Kazimir, cujo sorriso costumava agir sobre ela como um feitiço, compelindo-a a ficar ao seu lado. E antes parecia um ótimo lugar para se estar, como se as cores fossem mais brilhantes, as sensações mais intensas. Mas também era, como descobriu, um lugar bem *popular*, que outras garotas ocupavam quando ela não estava por perto.

— Peça a Svetla para ser sua vampira sexy e perversa — disse Karou. — A parte da perversidade ela já conhece bem.

Ele pareceu magoado.

— Não quero Svetla. Quero você.

— Lamento, mas não sou uma opção.

— Não diga isso — falou Kaz, pegando a mão dela.

Karou recuou, uma pontada de tristeza surgia apesar de todo o seu esforço para parecer indiferente. *Não vale a pena*, disse a si mesma. *Não chega nem perto de valer.*

— Essa é a definição de *perseguição*, sabe?

— Como assim? Não estou perseguindo você. Só estava indo na mesma direção.

— Claro — disse Karou.

Estavam a algumas casas da escola dela agora. O Liceu de Arte da Boêmia era uma escola particular de ensino médio que funcionava num palácio barroco cor-de-rosa conhecido por ter sido o local em que, durante a ocupação nazista, dois jovens nacionalistas tchecos tinham cortado a garganta de um coman-

dante da Gestapo e escrito a palavra *liberdade* com o sangue dele. Um ato de revolta breve e corajoso antes de serem capturados e empalados nos florões em forma de ponta de lança que adornavam o portão do pátio. Agora alguns alunos zanzavam em volta daquele mesmo portão, fumando e esperando pelos amigos. Mas Kaz não era um aluno — com vinte anos, era bem mais velho que Karou —, e ela sabia que ele nunca saía da cama antes do meio-dia.

— Por que está acordado a essa hora?

— Arrumei um novo emprego — respondeu ele. — Começa cedo.

— O quê? Você está fazendo tours vampirescos *de dia*?

— Não. É outra coisa. Um tipo de... *exposição*.

Ele agora estava com um sorrisinho no rosto. Com um ar triunfante. Queria que ela perguntasse qual era o novo emprego.

Karou não ia perguntar. Com total indiferença, ela disse:

— Bem, divirta-se.

E saiu.

— Você não quer saber o que é? — gritou Kaz, ainda com o sorrisinho no rosto; Karou podia percebê-lo na voz dele.

— Não ligo — ela gritou de volta, e entrou pelo portão.

* * *

Ela definitivamente deveria ter perguntado.